



RELATORIO ESPECIAL

Mudança religiosa na América Latina, presente, passado e futuro

Madrid, setembro 2014

d+i LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO
2. UM FENÔMENO DIVERSO E HETEROGÊNEO
3. QUANTOS SÃO OS EVANGÉLICOS
4. COMO SÃO OS EVANGÉLICOS
5. BRASIL, O PAÍS COM MAIOR NÚMERO DE EVANGÉLICOS
6. A SITUAÇÃO NA GUATEMALA
7. A SITUAÇÃO NAS HONDURAS, NICARÁGUA E EL SALVADOR
8. RESTO DA AMÉRICA CENTRAL E AS CARÁIBAS
9. AS PECULIARIDADES DO CASO MEXICANO
10. O PENTECOSTALISMO NOS ANDES
11. CAUSAS DO CRESCIMENTO DO MOVIMENTO EVANGÉLICO
12. CONCLUSÕES

LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO

O aparecimento da candidatura de Marina Silva nas eleições presidenciais brasileiras pôs em primeiro plano o peso e a importância que os evangélicos têm na política de alguns países latino-americanos. Marina cresceu nas sondagens ao canalizar o voto de protesto, o voto contrário ao governo do PT, e o voto evangélico. Filiada no PSB, um partido que desfralda princípios laicos, as crenças religiosas de Marina estiveram muito presentes no desenvolvimento da campanha: tornou pública a sua rejeição dos casamentos homossexuais e rejeitou qualquer tipo de flexibilização do aborto. Cresceu espectacularmente nas sondagens aliando o voto "progressista" e o evangélico: nas sondagens realizadas, entre os católicos, Dilma liderava (38% a 30%). Marina tinha uma vantagem mais significativa entre os evangélicos de igrejas não pentecostais (44% a 29%) e entre as pentecostais (41% a 30%). Claramente, o voto tem um tom religioso embora o factor carisma seja crucial, já que o evangélico Pastor Everaldo (PSC) sempre rondou entre 1% e 3%, enquanto Marina é a favorita entre os evangélicos (43%).

Meses antes, em Maio, o Partido Acção Cívica da Costa Rica, que nas eleições de Abril tinha conquistado a presidência, procurou alianças com outras forças a fim de ter os votos suficientes para escolher as autoridades do poder legislativo. Para isso, este partido de natureza social-democrata pactuou com a esquerda da Frente Ampla e com um partido, a Renovação Costa-Riquenha (RC), que conta com dois deputados e encarna os valores e aspirações dos evangélicos costa-riquenhos. Inicialmente, o PAC aceitou adiar a legislação propícia aos direitos dos homossexuais em troca do apoio político da RC. Apesar de o acordo ter acabado por se romper devido às pressões e críticas dos grupos de homossexuais, que apoiaram o PAC e o seu candidato presidencial, Luis Guillermo Solís, estes factos mostraram abertamente o grau de influência, não só social e religiosa, mas também política, que os evangélicos alcançam, capazes de criar partidos com representação parlamentar e com um papel de destaque no âmbito político.

Brasil e Costa Rica são mais um exemplo de como a América Latina viveu uma verdadeira "revolução silenciosa" desde os anos 50 até à actualidade. Neste meio século mudou o modelo económico e de desenvolvimento (da industrialização por substituição de importações aos actuais modelos de exportação de bens primários), transformou-se a estrutura social (passou-se de uma sociedade polarizada para outra na qual as já amplas e heterogêneas classes médias e os sectores populares urbanos têm cada vez mais peso), variou o modelo político predominante (das ditaduras e governos autoritários para uma difusão do sistema democrático) e também houve profundas mudanças culturais devido à urbanização acelerada, ao aumento da alfabetização e à progressiva incorporação da mulher no mercado de trabalho.

“A proporção de latino-americanos que se declaram católicos passou de 75 %, em meados dos anos 90, para cerca de 67 % em 2014”

Dentro dessas mudanças culturais destaca-se a diversificação religiosa na América Latina, produto do avanço das diferentes igrejas protestantes, evangélicas e pentecostais que acabaram por tornar mais complexo o panorama religioso na América Latina e, especialmente, em países como a Guatemala, Honduras, Brasil e Chile, onde entre um terço e 40% da população abandonou o catolicismo para optar por alguma destas igrejas evangélicas. Assim, a tradicional e histórica homogeneidade religiosa latino-americana vinculada ao catolicismo (produto da conquista e colonização espanhola e portuguesa) dividiu-se no último meio século com o crescimento explosivo dos diferentes ramos do movimento evangélico (pentecostais, primeiro, e neopentecostais, depois).

Curiosamente, a modernização política (democratização), social (urbanização e ascensão das classes médias) e económica (globalização) não veio atrelada, como em outras partes do mundo, à secularização. A América Latina permanece como uma região onde a religião —católica ou protestante— é predominante para a imensa maioria da população de cada país com a excepção do Uruguai. Existe um amplo consenso entre os académicos sobre a magnitude da mudança, mas nem tanto quanto às razões da mesma. O especialista dominicano em história e actualidade do facto religioso, Marcos Villamán, assinala que “não se pode negar que o panorama sócio-religioso de hoje é muito diferente de como se apresentava há alguns anos: à predomi-

minância evidente de um corte católico-romano acompanhado de uma presença, relativamente tímida, do protestantismo histórico e de certas expressões evangélicas, sucedeu na actualidade uma irrupção realmente impressionante das igrejas pentecostais e neopentecostais”.

A proporção de latino-americanos que se declaram católicos passou de 75%, em meados dos anos 90, para cerca de 67% em 2014, como mostra o estudo de opinião pública regional Latinobarómetro, o qual, para sua directora Marta Lagos, mostra que “a Igreja (católica) deixou de ser onipotente e totalmente dominante”. Cristian Parker Gumucio, do Centro Dominicano de Investigação da Costa Rica, nessa mesma linha ressalta que “as taxas de crescimento do catolicismo foram revertendo sistematicamente”, e ficou para trás a definição de “um continente católico”, pois “agora estamos na presença de um claro pluralismo no campo religioso da América Latina”. Na sua análise, Parker assinala que o novo panorama religioso da América Latina mostra uma queda do catolicismo e da Igreja Católica: “Não estamos diante de um continente que se tenha secularizado ou que se tenha tornado protestante: estamos diante de uma realidade marcada por uma tendência para o aumento ligeiro, mas constante, do pluralismo religioso, perante uma Igreja Católica que continua a ser maioritária”.

Nas seguintes páginas serão mostradas as peculiaridades do movimento evangélico na América Latina, a sua heterogeneidade no grau

“É preciso diferenciar entre o protestantismo histórico, produto da emigração no século XIX, daquele que se desenvolveu, em diversos períodos e de forma explosiva, ao longo do século XX”

de desenvolvimento de país a país, as suas características principais, como são, quantos são, o que pensam e, a partir daí, que papel representam politicamente os seus diferentes ramos, protestantes, pentecostais e neopentecostais.

2. UM FENÔMENO DIVERSO E HETEROGÊNEO

"Não é necessário explicar que o termo 'pentecostalismo' designa um amplo movimento religioso que abriga uma grande variedade de grupos com formas de prática muito diferentes." Estas palavras do académico (doutor em teologia e sociologia), Heinrich Schäfer reflectem muito fielmente o que é e o que significam os novos movimentos religiosos protestantes que foram chegando à América Latina em sucessivas ondas, até culminar com a sua grande expansão a partir dos anos 70.

Efectivamente, a primeira coisa que é necessário ressaltar é que nos encontramos perante um fenómeno religioso (o evangélico) muito heterogéneo, e embora o normal seja escutar e ver escrito "os evangélicos", este é um termo que esconde um amplo leque de situações. Na linguagem popular, e até na dos meios de comunicação, "a palavra evangélico pode referir-se a qualquer cristão que não seja católico". No entanto, é preciso diferenciar entre o protestantismo histórico (o presbiteriano, metodista, baptista), produto da emigração no século XIX, daquele que se desenvolveu, em diversos períodos e de forma

explosiva, ao longo do século XX, em especial no último terço.

O primeiro protestantismo, o histórico e tradicional arcaico, começou a germinar após as independências dos países latino-americanos e do triunfo dos partidos e forças liberais na segunda metade do século XIX, graças a uma legislação muito mais permissiva com as religiões não católicas. Esse protestantismo era composto por dois tipos de igrejas de origem missionária:

- As procedentes da Europa, fundamentalmente luteranos (alemães) presbiterianos (escoceses), anglicanos (ingleses), valdenses (franceses e italianos), reformados (holandeses e suíços), baptistas (galeses), menonistas (holandeses e suíços).
- As de procedência americana como as igrejas luteranas, episcopais (anglicanas de origem americana), presbiterianas, quacres, metodistas e baptistas.

Depois, já no século XX, chegaram à América Latina as três ondas de igrejas vinculadas ao pentecostalismo, um movimento de reforma religiosa que surgiu dentro do evangelismo, nascido nos Estados Unidos em 1904:

- A primeira onda evangélica desenvolveu-se em torno de 1910 com fenómenos como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, sobretudo a Igreja de Deus, a Igreja da Profecia e a do Príncipe da Paz na Guatemala.

“Enquanto o pentecostalismo procurou crescer entre os sectores populares, o neopentecostalismo fá-lo nos sectores médios e altos da sociedade”

- A segunda começou nos anos 50, o primeiro pentecostalismo, com igrejas como a do Evangelho Quadrangular - Cruzada Nacional de Evangelização (1953), Igreja Pentecostal "O Brasil para Cristo" (1956), Igreja da Nova Vida (1960), Igreja Pentecostal "Deus é Amor" (1961), Casa da Bênção (1964) e Metodista Wesleyana (1967).

Como assinala o antropólogo americano David Stoll, esta segunda onda de evangelismo foi muito bem-sucedida já que os pentecostais latino-americanos passaram de representar dois terços dos protestantes latino-americanos nos anos 60, para três quartos nos anos 80. Em 1984, 9,9 milhões dos seus 12,9 milhões de “membros e simpatizantes” fora dos Estados Unidos estavam na América Latina e mais de seis milhões no Brasil, tendo o pentecostalismo conseguido nesta época uma forte presença nos sectores populares urbanos graças, sobretudo, a este panorama.

- E a terceira corrente, que é a que actualmente tem mais sucesso e presença, é o neopentecostalismo nascido das correntes pentecostais e dos grupos renovadores carismáticos dos anos 50 e 60. Neste segmento destacam-se igrejas como o Salão da Fé (1975), a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça (1980). Desde os anos 70, o aumento mais acentuado aconteceu na América Central, especialmente na Guatemala (igrejas do Verbo e

Elim), Honduras, Nicarágua e El Salvador.

Surgiram e progrediram em pleno processo de transformação das sociedades latino-americanas, como assinala o investigador do "Centro de Sociologia de Religiões e de Ética Social" (Estrasburgo), Jean-Pierre Bastian: "Este movimento ignorado, desprezado inclusive pelos luteranismos históricos até aos anos 60, começou a partir dos anos 20 uma difusão e uma expansão que de facto hoje mudaram as relações de forças no campo religioso latino-americano. A difusão e a expansão aceleraram com os anos 50, na medida em que as povoações e as sociedades latino-americanas viveram mudanças drásticas a partir de então, com as migrações maciças de camponeses rumo ao que iam ser as grandes metrópoles dos diferentes países da região.

O neopentecostalismo (o crescimento evangélico desde os anos 70 deve-se principalmente aos neopentecostais) caracteriza-se por ter introduzido algumas mudanças doutrinárias (em relação, sobretudo, ao papel do Espírito Santo), na liturgia, onde dão "ênfase ao fervor emocional", emotivo e espontâneo. Enquanto o pentecostalismo procurou crescer entre os sectores populares, o neopentecostalismo fá-lo nos sectores médios e altos da sociedade. Essas novas igrejas estão vinculadas a movimentos urbanos, identificados com a irrupção de uma sociedade de massas e encontram-se plenamente inseridas no mundo globalizado já que crescem

**“As novas igrejas
oferecem serviços
espirituais, mas
também acesso à
saúde”**

apoiadas, entre outras coisas, no domínio profissional dos meios de comunicação de massas (utilizam rádio, televisão e Internet para divulgar a sua mensagem) e administrando as suas igrejas com um estilo empresarial de produção e distribuição de bens religiosos.

Contam com uma liderança carismática, e a sua estrutura é horizontal, o que contribuiu para alargar a sua influência em países tão grandes como o Brasil ou com tantos contrastes sociais e étnicos como a Guatemala. Caracterizam-se, além disso, por se organizarem através de igrejas locais e grupos independentes ou semiautónomos (à margem das denominações episcopais) onde a figura-chave é o pastor. No entanto, no interior de cada igreja a estrutura é fortemente piramidal, mas com a suficiente capacidade, flexibilidade e autonomia para se adaptar às circunstâncias concretas de cada região ou país.

O pentecostalismo, e mais ainda o neopentecostalismo, apela para a parte irracional, sentimental e experimental dos indivíduos, utiliza com desenvoltura as línguas autóctones (daí o seu sucesso na penetração entre os sectores rurais indígenas), assim como a linguagem comum para se aproximar dos seus seguidores. As suas estratégias baseiam-se no marketing, especialmente as curas, a utilização da música nas cerimónias e o destaque que põem na oralidade e nas práticas populares tradicionais.

A sua pregação tem um êxito especial entre sectores antes não levados em conta, como as mulhe-

res, os indígenas e os pobres. Os pentecostais e os neopentecostais "estão muito presentes em termos de ocupação geográfica, nas favelas, no campo e nos subúrbios das cidades. Têm uma comunicação muito fluente com a base social e por isso são muito procurados pelas diferentes forças políticas", assinala Roberto Romano, professor de ética e filosofia da Universidade Estadual de Campinas, autor de "Brasil, Igreja contra Estado", que acrescenta que "tiveram uma aceitação especial entre as mulheres, devido à sua aposta na restauração da unidade familiar e da família, o que capta o interesse feminino, representando a rejeição à violência familiar e ao machismo".

A evolução nas últimas décadas fez com que as igrejas evangélicas passassem também um processo de institucionalização e burocratização, de pluralismo social e, inclusive, de transnacionalização causada pela utilização dos meios de comunicação. Inicialmente, estas igrejas atraíram os sectores mais vulneráveis da sociedade (emigrantes internos, desempregados e sectores populares), mas desde os anos 80, especialmente os neopentecostais, foram-se especializando socialmente e chegaram à classe média, universitários, profissionais e empresários. As novas igrejas oferecem serviços espirituais, mas também acesso à saúde, ajudam os seus membros a abandonar o alcoolismo e a toxicodependência e são espaços de refúgio comunitário perante a crise da família tradicional. Agruparam-se em torno de lideranças carismáticas (como Cash Luna na Guatemala, René Peñalba, Tomás

“As organizações cristãs mais bem-sucedidas contam com sedes em outros países e transformaram-se em empresas multinacionais”

Barahona e Misael Argeñal nas Honduras), que gerem de forma empresarial as suas igrejas e têm como uma das suas marcas a construção de grandes templos (em 2013 Cash Luna inaugurou a nova e monumental sede da igreja Casa de Deus, com capacidade para 11 mil fiéis), para além de escolas, colégios e universidades.

A sua capacidade de adaptação incluiu uma rápida entrada nos novos sistemas de comunicação desenvolvidos desde os anos 90: páginas na Internet, estações de rádio, canais de televisão que se uniram à ampla infra-estrutura com colégios, livrarias, cafeterias e estúdios de gravação. Mantêm um culto musicalizado que apela às emoções, com curas físicas e prosperidade económica. As organizações cristãs mais bem-sucedidas contam com sedes

em outros países e transformaram-se em empresas multinacionais. Como assinala o sociólogo guatemalteco e pastor protestante Vitalino Similox "as igrejas pentecostais transformaram-se em empresas que desenvolvem estratégias de comercialização e de distribuição multilateral de bens simbólicos e religiosos. A sua hibridação traduz-se na justaposição de diferentes níveis de apropriações, que incluem o conteúdo das crenças, as formas de transmissão e comunicação, e os recursos a mediações tanto arcaicas como modernas".

3. QUANTOS SÃO OS EVANGÉLICOS

Como assinala o académico David Martin, o movimento pentecostal e o neopentecostal estiveram marcados pelo seu rápido crescimento, perante o modesto aumento das antigas formas da fé protestante no século XIX e evangélica até aos anos 50. Na actualidade, as igrejas neopentecostais "excederam amplamente (o protestantismo) pelo crescimento do pentecostalismo, em primeiro lugar com as assembleias de Deus. As assembleias de Deus constituem provavelmente um quarto da actual força evangélica na América Latina."

Como se pode ver no quadro 1 em apenas meio século o protestantismo passou de 7 milhões na América Latina para 107 milhões no século XXI, destacando a progressão em países como a Guatemala, Honduras e a Nicarágua, países onde supera 40% da população, e no México e Chile, onde alcança mais de um quinto da população.

QUADRO 1

PAÍS	1960	1990	2010	2013-2014
América Latina	7.700.000	37.000.000	107.000.000	107.000.000
Brasil	4.000.000	19.600.00 (13%)	42.300.000 (22%)	42.300.000 (22%)
México	897.000	4.675.000 (5,5%)	8.000.000 (10%)	8.000.000 (10%)
Chile	834.000	1.200.000 (12%)	2.000.000 (16,6%)	2.000.000 (16,6%)
Argentina	414.000	1.360.000 (4%)	4.000.000 (9%)	4.000.000 (9%)
República Dominicana	327.000	700.000 (10%)	1.800.00 (18%)	1.800.00 (18%)
Cuba	264.000	Sem dados	1.000.000 (10%)	1.000.000 (10%)
Guatemala	149.000	3.325.000 (35%)	5.500.00 (40%)	5.500.00 (40%)
Peru	94.000	1.680.000 (8%)	2.610.000 (12,5)	2.610.000 (12,5)
Colômbia	92.000	2.400.000 (8%)	5.000.000 (16%)	5.000.000 (16%)
Panamá	57.600	360.000 (10%)	600.000 (16%)	600.000 (16%)
Bolívia	46.600	525.000 (7,5%)	3.000.000 (16%)	3.000.000 (16%)
El Salvador	41.778	1.155.000 (21%)	2.000.000 (38%)	2.000.000 (38%)
Uruguai	42.600	45.000 (1,5%)	55.000 (8%)	55.000 (8%)
Honduras	37.666	255.000 (5%)	2.000.000 (41%)	2.000.000 (41%)
Paraguai	36.560	308.000 (7%)	500.000 (8%)	500.000 (8%)
Venezuela	26.000	800.000 (20%)	1.300.000 (13%)	1.300.000 (13%)
Nicarágua	34.600	525.000 (7,5%)	1.800.000 (30%)	1.800.000 (30%)
Costa Rica	22.000	275.000 (8,9%)	1.000.000 (21%)	1.000.000 (21%)
Equador	40.000	300.000 (3%)	1.700.000 (13%)	1.700.000 (13%)

Fonte: Elaboração própria com dados do Latinobarómetro 2014.

“Atualmente, na América Latina e no Caribe 20% de seus 600 milhões de habitantes seriam evangélicos”

Com mais de 560 milhões de fiéis —estando mais de 105 milhões na América Latina e nas Caraíbas— os evangélicos representam 25% dos cristãos no mundo, segundo o Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS) de França. As igrejas evangélicas estão a crescer cada vez mais na região latino-americana: se em 1900 existiam apenas cerca de 50 mil protestantes em toda a América Latina, já em 1930 chegavam a um milhão. Depois foram-se duplicando década a década: 5 milhões em 1950, 10 milhões em 1960, 20 milhões em 1970, e 50 milhões uma década mais tarde. Estima-se que no ano 2000 os protestantes/evangélicos rondassem os 100 milhões. Actualmente, na América Latina e nas Caraíbas, 20% dos seus 600 milhões de habitantes serão evangélicos, sendo o Brasil o país com mais evangélicos, contando já com 42 milhões de membros, embora na Guatemala o peso seja maior em relação à população total, já que ultrapassa os 40%.

Além disso, trata-se de um grupo em progressão e aumento, como indicava recentemente o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostrou uma queda de quase dez pontos percentuais no número de católicos entre 2000 e 2010: de 74% passaram a ser 64,6% da população nesse período. O investigador do IBGE, Claudio Crespo, assinala que “nos anos 70, 92% da população brasileira era católica, actualmente é 64%, ou seja, uma queda de 28 pontos percentuais em relação a 2010. Em relação aos anos 70, um em cada quatro católicos deixou de sê-lo”. Em 2000,

os católicos brasileiros totalizavam 125 milhões e representavam 73,6% da população, enquanto em 2010 já eram 123,3 milhões, 64,6% do total. Durante o mesmo período, os evangélicos ganharam quase 20 milhões de seguidores e passaram de 26,5 milhões (15,4% da população) para 42,3 milhões (22,2%). De forma similar, na Guatemala a percentagem era de 2,8% em 1935, número que persistiu até 1950. Depois, começou a aumentar de década para década: 1960 (3,2%), 1970 (5,8%), 1980 (13,8%), 1990 (18,0%), 2000 (29,8%) e 2010 (31,7%). Em 2014, a situação é de 47% de católicos em comparação com os 40% de evangélicos, segundo o último relatório do Latinobarómetro.

Neste sentido, o investigador David Stoll assinala que “o que faz com que as conquistas evangélicas sejam notáveis não é o simples aumento em termos absolutos. Apesar de tudo, as altas taxas de natalidade na América Latina poderiam duplicar o número de protestantes a cada 20 anos sem alterar a sua proporção em relação à população total. O que é surpreendente é a crescente presença de evangélicos como percentagem. Desde 1960 os evangélicos têm aproximadamente duplicado a sua proporção em relação à população no Chile, Paraguai e Venezuela, e nos países caribenhos do Panamá e do Haiti. De acordo com a mesma fonte, desde 1960 os evangélicos triplicaram a sua proporção em relação à população na Argentina, Nicarágua e República Dominicana. No Brasil e em Porto Rico, a proporção evangélica quase que quadruplicou desde 1960. Em dois países centro-ame-

“Aumentaram os agnósticos e os não crentes, mas na América Latina persistiu o número de crentes tanto católicos como protestantes nos seus diferentes ramos”

ricos, El Salvador e Costa Rica, assim como em dois países andinos, Peru e Bolívia, a proporção evangélica durante o mesmo período quintuplicou. Em outros dois países andinos, Equador e Colômbia, assim como nas Honduras, acredita-se que tenha sextuplicado. E na Guatemala, a proporção evangélica da população desde 1960 até 1985 aumentou cerca de sete vezes”.

Por que aconteceu tal expansão das igrejas evangélicas, tanto pentecostais como neopentecostais, na América Latina desde os anos 70?

Neste aspecto, abundam as teorias para responder a esta pergunta:

- Começando pelas conspirativas, baseadas no relatório Rockefeller de 1969, que asseguravam, e ainda sustentam, que o ápice das igrejas evangélicas respondia a uma estratégia contrainsurgente dos EUA e da CIA para deter o auge da Teologia da Libertação. Isto foi o que serviu de base para a tese conspirativa, inclusive com declarações de figuras como o cardeal mexicano Juan Sandoval Íñiguez que chegou a afirmar que “eles (os protestantes) estão aqui devido à iniciativa dos EUA, como bem se sabe pelo Relatório Rockefeller”.
- De mais seriedade e cunho académico e intelectual são as hipóteses que começaram a desenvolver-se no final dos anos 60 e que se prolongam até os dias de hoje. Teorias mais centradas em causas endógenas que insistem nos processos de modernização socioeconómica

e na urbanização que atravessaram os países latino-americanos e que provocaram, por um lado, um claro processo de secularização, mas por outro, uma diversificação das práticas religiosas dentro de sociedades cada vez mais plurais, que sofreram uma mudança cultural, com, inclusive, o retorno ao sagrado. Ao contrário do que ocorre em outras regiões do mundo, a modernização não conduziu a uma secularização generalizada. Aumentaram os agnósticos e os não crentes, mas na América Latina persistiu o número de crentes tanto católicos como protestantes nos seus diferentes ramos. Como aponta Villamán, “a religião, neste contexto, seria uma das respostas preferidas, pois ela, efectivamente constrói ou repara certezas e dota de sentido a acção individual e social. Essa foi e é uma das suas reconhecidas funções sociais”.

O certo é que o auge do evangelismo é de carácter multicausal, como os trabalhos de Emile Willems, Lalive D’Epinay, David Martin e Jean-Pierre Bastian demonstraram nas últimas décadas. Insistem que as igrejas evangélicas iniciaram-se numa América Latina, a dos 50 aos 70, imersa em grandes e múltiplas mudanças, as quais explicam, em grande parte, porque existia um terreno propício para o seu desenvolvimento:

- **Crise na Igreja Católica:** Não se pode entender a expansão evangélica sem considerar a crise pela qual atravessou a Igreja Católica nos anos 60 e

“Desde meados do século XX, o crescimento demográfico e o salto de uma sociedade rural para uma urbana puseram a Igreja Católica numa situação para a qual não estava preparada”

70. Uma Igreja Católica muito dividida, sem coesão interna, radicalizada e politizada entre sectores mais tradicionais (uma parte da elite do episcopado) e sectores vinculados com o marxismo dos quais surgiu a Teologia da Libertação. Como explica Vitalino Similox (pastor presbiteriano, teólogo e sociólogo) para o caso guatemalteco "nos anos 70, alguns católicos de classe média alta que se sentiram traídos quando um sector da hierarquia católica começou a expressar uma opção preferencial pelos pobres, encontraram na teologia da prosperidade, nos espectáculos profissionalmente montados dos televangelistas e nos encontros de oração em hotéis de luxo, uma nova explicação a partir da fé cristã para sua posição privilegiada na sociedade. A teologia da prosperidade também ofereceu uma opção atractiva a muitas pessoas pobres ou de classe média baixa que desejavam fortalecer a sua disciplina pessoal e aumentar a sua auto-estima."

Além disso, desde meados do século XX, o crescimento demográfico e o salto de uma sociedade rural para uma urbana puseram a Igreja Católica numa situação para a qual não estava preparada, pois não contava com os recursos humanos para atender às multidões que começavam a povoar as periferias urbanas. As migrações internas e a explosão demográfica aguçaram

a chamada "crise das vocações sacerdotais".

- **O novo impulso dos pentecostais:** Uma Igreja Católica que, além disso, recebeu os golpes da repressão dos estados contrainsurgentes nos anos 60 e 70 e cujo vazio foi preenchido por igrejas protestantes que não se misturavam tão directamente com a política. Ao mesmo tempo, novas missões protestantes de tipo evangélico e pentecostal, procedentes especialmente dos Estados Unidos, pregavam uma nova forma de se aproximar de Deus, baseada na conversão, no êxtase religioso, na experiência pessoal e nos milagres. O desembarque dessas missões evangélicas ofereceu uma alternativa para aqueles que não encontravam refúgio na Igreja Católica, a qual não satisfazia as necessidades religiosas nem alcançava todo o território.

Além disso, as igrejas evangélicas, desenvolvidas num primeiro momento por missionários americanos, ganharam em autonomia e foram desvinculando-se do cordão umbilical americano. Já nos anos 70, pastores autóctones começaram a transformar a mensagem pregada pelos missionários evangélicos para adaptá-la às necessidades e à cultura latino-americana, gerando formas de religiosidade híbridas que combinam o catolicismo popular latino-americano com o protestantismo importado.

“A religião evangélica é uma parte genuína da sociedade latino-americana”

Como já apontava David Martin "o que é totalmente claro é o carácter autóctone da religião evangélica na América Latina contemporânea. A fé evangélica é actualmente só uma das formas através da qual a América Latina expressa uma fé. As críticas que os cristãos norte-americanos fazem acerca da religião evangélica na América Latina baseiam-se justamente em que esta religião não se ajusta às normas liberais norte-americanas. Por exemplo, foi descrita como uma recriação das relações paternas e pessoais que se desenvolviam na fazenda, tudo isto trasladado para as condições de uma megalópole contemporânea. A razão disso é bastante clara. A religião evangélica é uma parte genuína da sociedade latino-americana."

- **A adaptabilidade e a diversidade:** As igrejas evangélicas também demonstraram nessa conjuntura ser mais ágeis e ter maior capacidade de adaptação e aculturação. Essa é a tese de Jean-Pierre Bastian que ressalta que "poderíamos dizer que nesta 'hibridéz' está-se a lidar não só com a adaptação ao mercado latino-americano, mas também com a criação de produtos originais, híbridos, que os pentecostalismos ofereceram em toda a região. Isso nota-se, em particular, a partir da produção musical dos hinos, que, de facto, até aos anos 70 era de origem anglo-saxóni-

ca, e que a partir de então se transformou em cantos directamente inspirados pelas tradições musicais populares endógenas. Hoje em dia, vemos desenvolver-se o que estes movimentos chamam de 'Ministérios de louvor', que adoptam a música local, em particular o samba ou outros géneros tropicais como a salsa, etc. Inclusive, chamou-se a este tipo de expressão musical, com algum tipo de anglicismo, como 'salsa-gospel' ou 'samba-gospel'. O importante é que os pentecostalismos foram-se articulando à cultura popular, e podemos dizer que se manifestaram como religiões populares latino-americanas, o que não tinham sido os luteranismos anteriores, históricos, que tinham sido reduzidos aos actores liberais radicais, a sectores médios e não aos sectores populares."

Além disso, responderam melhor aos momentos de crise pelos quais atravessaram os países da região: criaram lugares de apoio para os mais necessitados durante as crises económicas, como a dos anos 80, criaram redes de apoio em casos como os do terremoto de Manágua, em 1974, ou da Guatemala, em 1976. Paralelamente, foram ganhando autonomia das suas matrizes americanas e cobriram a ausência do Estado porque unir-se a elas trazia benefícios concretos para os filiados (escolas, consultórios legais, postos de saúde). Foram, além disso, muito hábeis nas técnicas de marketing, já que aproveitaram as inovações tecnoló-

“A mulher encontra na comunidade evangélica um segundo companheiro que não baterá nela, que não lhe deixará o peso da família como sua responsabilidade, nem gastará os poucos recursos em álcool ou com outra mulher”

gicas como a rádio, a televisão, os satélites e agora a Internet, fazendo um uso estratégico dos meios de comunicação maciços para chegar a mais público.

Como assinala o académico David Martin "no caso dos grupos evangélicos, estão a ganhar para si um espaço social inteiramente sob o seu controlo, onde as pessoas comuns têm valor, comandam e tentam superar-se. É possível que estejam a contribuir para tornar realidade esse componente padrão das democracias estáveis, uma classe trabalhadora e média baixa "respeitável", com ambições económicas e educacionais modestas, mas realistas, e fortemente interessada numa ordem social e moral estável. São práticos e pragmáticos, mais do que teóricos, e tentam reformar a sociedade mudando os costumes culturais. Certamente, este tipo de reforma tem limites e, em todo caso, os evangélicos são só uma minoria, mas em muitas partes da América Latina contemporânea bem pode parecer que o campo da política está longe de ser tão promissor. Talvez o âmbito religioso seja neste momento o que oferece mais esperanças para tentar uma reforma activa das práticas e uma mutação dos costumes. No final de contas, na América Latina a religião constitui a linguagem mais acessível e divulgada para obter consolo e ânimo".

Portanto, um dos segredos do sucesso do protestantismo de tipo congregacional e pentecostal vincula-se com sua adaptação a (ou

compatibilidade com) as culturas latino-americanas. É o exemplo do que se desenvolve nas áreas indígenas do México e da América Central, onde se encontra mais próximo das tradições nativas do que o catolicismo e o protestantismo histórico. O investigador social Carlos Garma sustenta que "o pentecostalismo é atractivo para os povos indígenas porque tem equivalentes nas tradições nativas de cura espiritual e os cultos pentecostais adaptam-se bastante bem ao sincretismo da religiosidade popular indígena".

As igrejas pentecostais, como assinala David Martin, não só desenvolveram uma liturgia de piedade, comovente e participativa oferecendo uma alternativa às igrejas tradicionais, como também conseguiram penetrar em, e atrair uma "população historicamente silenciada, especialmente indígenas e mulheres, para um espaço religioso institucional onde os pobres encontram a sua voz, praticam solidariedade e encontram satisfação emocional e social". Os evangélicos na América Latina conseguiram captar a atenção da mulher, não só dando ênfase ao que se relaciona com o doméstico, o familiar e o lar, mas também tentando romper com o machismo e a cultura da violência contra a mulher, o que foi, inclusive, acompanhado de uma feminização do estilo e da linguagem: "A mulher encontra na comunidade evangélica um segundo companheiro que não baterá nela, que não lhe deixará o peso da família como sua responsabilidade, nem gastará os poucos recursos em álcool ou com outra mulher."

“Politicamente, o mundo evangélico é também muito heterogêneo embora predominem os sectores mais conservadores, sobretudo nos temas de mais valor”

4. COMO SÃO OS EVANGÉLICOS

O evangelismo pentecostal e neopentecostal está a ganhar espaço nesta conjuntura actual, especialmente entre as classes médias urbanas ascendentes, os jovens e, nas zonas rurais, entre os indígenas. Quanto à distribuição por sexos, a tendência geral assinala que existe uma população feminina consideravelmente superior à masculina, e por faixa etária o sector maioritário do espectro é o que abrange dos 35 aos 45 anos.

Quanto à situação social dos fiéis, é muito variada e heterogênea. Enquanto igrejas como a Quadrangular e a Missão Cristã representam os sectores mais pobres, a classe média está mais presente na Igreja de Cristo e na Igreja de Deus. Os baptistas e a Igreja de Cristo, em segundo, representam os sectores com maiores rendimentos. Em relação ao nível de estudos, a categoria que predomina entre os fiéis é a de quem não concluiu o ensino básico e depois, a dos que não concluíram o secundário. Só uma minoria não cursou nenhum tipo de estudos, mas todos sabem ler. Quanto aos estudos universitários, 70% são baptistas. Por outro lado, na Igreja Quadrangular poucos têm o ensino secundário completo ou estudos universitários, o que indica que entre os membros desta Igreja o índice médio de educação é mais baixo. Os baptistas e os membros da Igreja de Cristo pertencem a camadas sociais mais altas e a sua participação política é muito maior do que a dos membros do pentecostalismo.

Politicamente, o mundo evangélico é também muito heterogêneo embora predominem os sectores mais conservadores, sobretudo nos temas de mais valor. Assim, na Colômbia existe uma longa tradição de presença evangélica na política desde que, no começo dos anos 90 durante a Assembleia Constituinte, os primeiros evangélicos entraram no poder legislativo. Já na actualidade, existe um partido, o Movimento Independente de Renovação Absoluta (Mira), que em 2014 acabou por obter 326.946 votos para o Senado, ficando de fora por apenas cerca de dez mil votos. Conseguiram, no entanto, fazer-se representar graças aos 412 mil que obtiveram para a Câmara, que lhes proporcionou três assentos.

No Peru, neste momento, o partido mais forte é o Restauração Nacional (RN) liderado pelo pastor Humberto Lay Sun. Os evangélicos apoiaram o engenheiro Alberto Fujimori em 1990 e um dos seus pastores, Carlos García, foi segundo vice-presidente da República. Após o golpe de 1992, o fujimorismo e os evangélicos acabaram afastados politicamente. No Chile, existem cerca de 200 candidatos evangélicos entre prefeitos e vereadores, concentrados principalmente nas regiões indígenas do Biobío e La Araucanía, e, especificamente, em cidades como Lota, Curanilahue, Arauco, Lebu e Los Álamos. Entre eles, há militantes da Democracia Cristã (DC), Renovação Nacional (RN), União Democrata Independente (UDI), Partido Pela Democracia (PPD), Partido Radical Social Democrata (PRSD), Partido Socialis-

ta (PS), em menor quantidade, e do Partido Regionalista Independente (PRI). No caso do Brasil, os membros de igrejas evangélicas conseguiram estar presentes em 16 formações políticas e criaram três partidos próprios: o Partido Republicano de Brasil (PRB), o Partido Social Cristão (PSC) e o Partido da República (PR). Existe, inclusive, um partido evangélico no México, o Partido Encontro Social (PES).

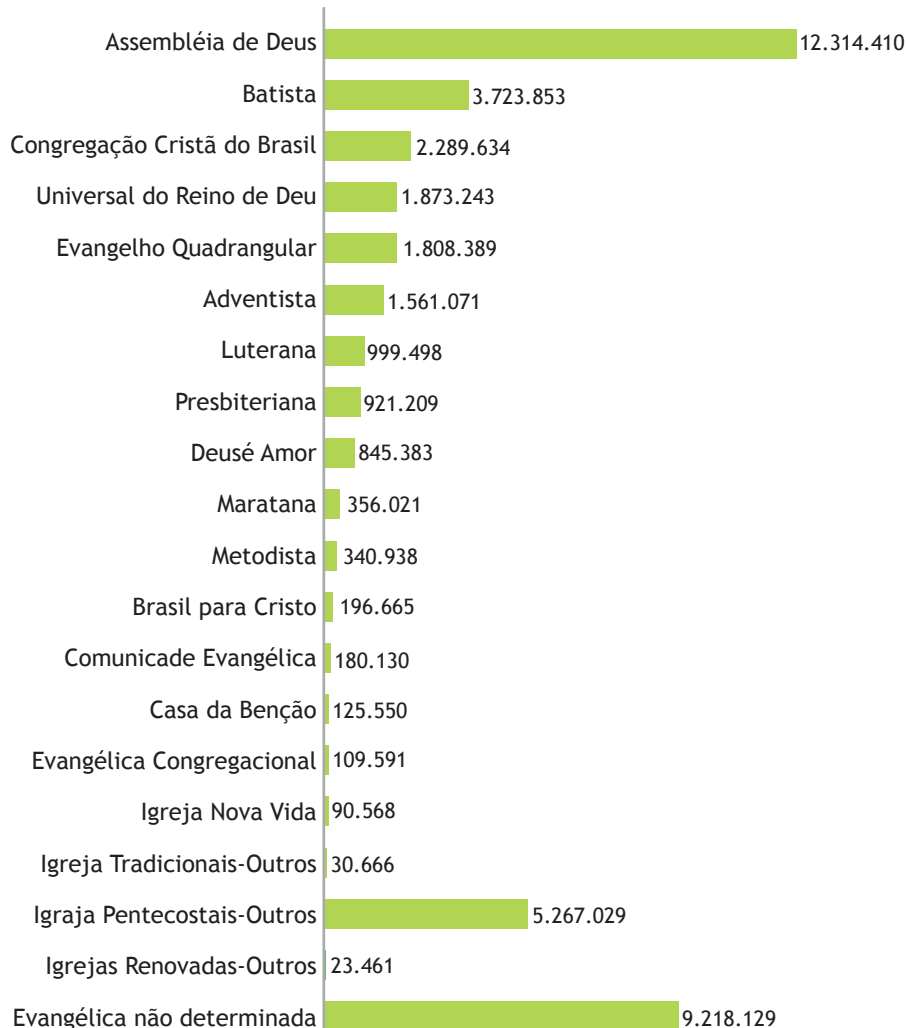
5. BRASIL, O PAÍS COM MAIOR NÚMERO DE EVANGÉLICOS

O Brasil é o país com o maior número de evangélicos em números absolutos (Guatemala é em termos relativos), porque estima-se que ultrapassem os 42 milhões, número que cresceu exponencialmente desde 2000, pois 60% dos novos evangélicos são-no actual-mente há menos de uma década. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), passaram de 15,4% da população, em 2000 (26,2 milhões), para 22,2%, em 2010 (42,3 milhões). Um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas em dez anos, equivalente, aproximadamente, à população total do Chile.

Entre as igrejas evangélicas mais importantes do Brasil destaca-se a Assembleia de Deus com 12 milhões de fiéis, liderada por Manoel Ferreira; assim como a Igreja da Graça, liderada por Romildo Ribeiro Soares; a Igreja Universal do Reino de Deus, dirigida pelo Bispo Edir Macedo e que conta com 1,8 milhão de seguidores; a Igreja Mundial do Poder de Deus, com 400 mil seguidores e que tem Valdomiro Santiago como líder; e a Igreja da Vitória em Cristo, com 40 mil membros, liderada por Silas Malafaia forte opositor das causas homossexuais e contra o aborto.

Como se pode ver no quadro 3, o grande crescimento começa nos anos 80 coincidindo com vários fenómenos: a crise económica do final dos anos 70 e de toda a década dos 80; o explosivo aumento da urbanização com a multiplicação

QUADRO 2: EVANGÉLICOS NO BRASIL



Fonte: <http://www.evangelizacao.blog.br/quem-sao-os-evangelicos-quantos-sao-e-onde-estao-no-brasil.aspx>

“A recuperação nas urnas ocorreu em 2010 com a renovação dos quadros políticos. Hoje, os representantes da Assembleia de Deus são os mais numerosos”

das áreas marginais (favelas) onde existe tradicionalmente pouca presença do Estado e da Igreja Católica, e onde a insegurança física (roubos, assaltos, assédio das quadrilhas) e a económica (emprego informal e poucas expectativas de trabalho) é uma constante.

Nas eleições de 2014, as alianças com a Bancada Evangélica são cruciais

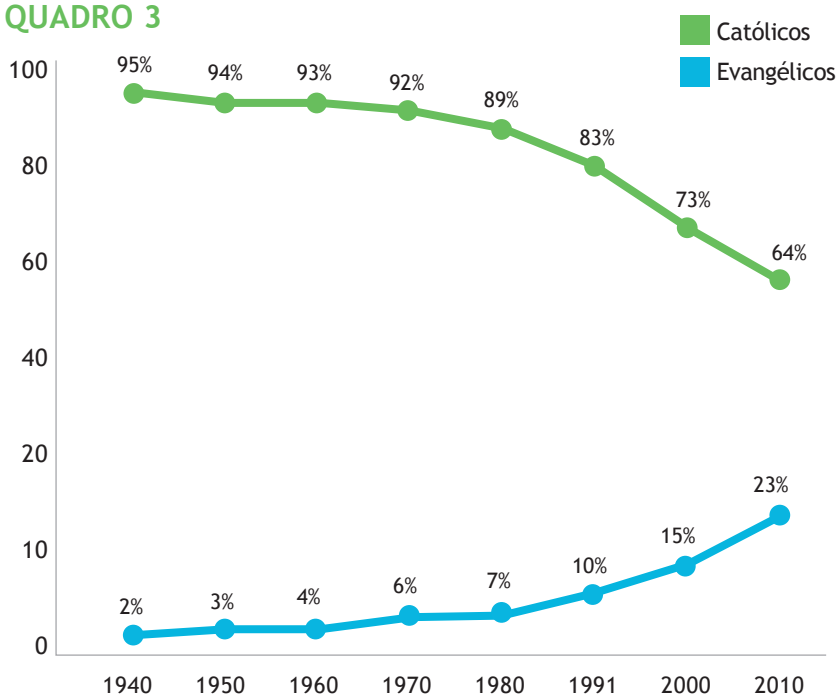
Segundo o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), os evangélicos das mais variadas denominações totalizam 42,3 milhões de fiéis, ou 22,2% da população, massa de eleitores cada vez mais atractiva no cenário político brasileiro. Trata-se da religião que mais cresce no Brasil, com o contínuo declínio da religião católica no país. Os católicos passaram

de 73,6%, em 2000, para 64,6%, em 2010. Se a curva de crescimento perdurar, os protestantes poderão representar um terço dos brasileiros na próxima década.

A Frente Parlamentar Evangélica foi criada em 2003. Segundo reportagem da revista *Veja*, três anos depois, o Congresso foi atingido por um escândalo que colocou os evangélicos em evidência: a Máfia das Sanguessugas, que desviava fundos resultantes das alterações parlamentares ao orçamento e abastecia os bolsos de deputados e empresários, envolvendo 23 integrantes da bancada. Desses, dez eram da Igreja Universal do Reino de Deus e nove pertenciam à Assembleia de Deus, com perda de representatividade da bancada evangélica nas eleições de 2006. A recuperação nas urnas ocorreu em 2010 com a renovação dos quadros políticos. Hoje, os representantes da Assembleia de Deus —que tem diversas ramificações e não possui comando único, como é o caso da Igreja Universal— são os mais numerosos.

Além dos deputados, quatro senadores compõem a equipa evangélica no Congresso. A maioria desses 77 parlamentares pertence à base da presidente Dilma Rousseff. Mas, como algumas bandeiras relacionadas com o aborto e o casamento de pessoas do mesmo sexo não são prioridade no programa dos partidos da oposição, os evangélicos acabam por ocupar uma função dúbida: apoiam o governo em temas económicos e de assistência social, mas divergem abertamente quando o Executivo quer, por exemplo, discutir temas como o

QUADRO 3



Fonte: Revista Semana

“O voto evangélico cresceu muito nos últimos vinte anos no Brasil, principalmente com o aparecimento das igrejas neopentecostais”

aborto e o aumento dos direitos dos homossexuais.

Neste contexto, na campanha da presidente Dilma Rousseff à reeleição em 2014 foi crucial restabelecer laços com a comunidade evangélica, que mantém uma relação conflituosa com o governo como se viu na disputa eleitoral, em 2010, com o debate polémico sobre o aborto impulsionado pelos religiosos. Não por acaso, os nove partidos da coligação de Dilma optaram por criar um comité específico para sensibilizá-los. E Dilma Rousseff criou o comité evangélico da campanha para discutir temáticas.

Nas eleições presidenciais deste ano, Dilma Rousseff não é a única candidata em busca do voto evangélico. O tucano Aécio Neves reuniu-se com o pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção-Geral das Assembleias de Deus no Brasil, para fortalecer a sua posição diante da bancada evangélica. Já a candidata Marina Silva, embora seja evangélica, mantém a opinião de que a política não deve misturar-se com a religião. Está distante dessas articulações, por ser refractária para não misturar as questões religiosas no campo político. Mas os socialistas admitem dialogar com grandes denominações evangélicas, a exemplo da Assembleia de Deus. A aproximação com sectores religiosos ficou a cargo da comissão de articulação e mobilização, liderada por um representante do PSB e outro da Rede.

Outros líderes evangélicos reúnem-se em torno da candidatura

do pastor Everaldo Dias Ferreira, do PSC. Abertamente contra a descriminalização do aborto e a união civil entre casais do mesmo sexo, o candidato é um árduo defensor da redução da maioridade penal. Embora figure nas sondagens com cerca de 3% a 4% das intenções de voto, Everaldo deve ter o mesmo espaço que Dilma, Aécio e Silva nos telejornais da TV Globo e nos debates.

Com bandeiras de forte posição sobre temas como a maioridade penal, o casamento homossexual e o repúdio pelo aborto, Everaldo deve facilitar a vida de Aécio e Silva na campanha, inclusive por contribuir para a dispersão dos votos evangélicos, o que pode precipitar a segunda volta. Deverá ainda difundir os programas de líderes neopentecostais que disputam assentos no Congresso. Entre os seus apoiantes está o deputado Marcos Feliciano (PSC-SP), ex-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara e conhecido pelo seu desprezo pelas minorias. A cúpula do partido acredita que Feliciano triplicará o número de votos obtidos nas eleições passadas. Em 2010, arrebanhou 211 mil eleitores. O PSC também aposta na popularidade do cirurgião plástico Roberto Miguel Rey Junior, o Dr. Rey dos *reality shows*, para alavancar votos dos seus candidatos a deputado federal em São Paulo.

O facto é que o voto evangélico cresceu muito nos últimos vinte anos no Brasil, principalmente com o aparecimento das igrejas neopentecostais. É um segmento que ainda trabalha de forma muito

“Actualmente, a Guatemala é o país da América Latina com a maior percentagem de evangélicos”

fechada, o que o transforma num actor importante na política brasileira. Mas, ao mesmo tempo que o voto evangélico garante uma boa estrutura na base eleitoral, limita a abrangência do mandato. Após eleitos, os representantes desses grupos precisam de trabalhar para a base que os elegeu. Isso significa defender ideais conservadores, entre eles a criminalização do aborto e a não liberalização das drogas. Ao mesmo tempo que isso agrada ao grupo específico, desagrada muitos eleitores, limitando a actuação deste político.

6. A SITUAÇÃO NA GUATEMALA

Juntamente com o Brasil, um dos casos com mais chamativos de ascensão dos evangélicos é a Guatemala, país que desde os anos 70 passou por uma transformação religiosa muito profunda. Apesar de não existir um censo oficial de afiliação religiosa, estima-se que entre 65% e 70% da população seja católica, e entre 35% e 40% seja protestante.

A Guatemala é um dos países onde as igrejas evangélicas se fixaram com mais força. As linhas de desenvolvimento foram, de forma paralela, como aconteceu em outros países: no século XIX cresce o protestantismo vinculado à abertura impulsionada pelos governos liberais, mas o seu peso quanto ao número de fiéis é muito pequeno. De 1882 a 1940, o peso da população evangélica era insignificante, já que constava com apenas 2% da população. A presença protestante começa

a aumentar no século XIX, especialmente desde 1871, com a chegada de metodistas, presbiterianos, nazarenos, episcopais, baptistas e luteranos. Após a Segunda Guerra, chegaram os pentecostais (Assembleia de Deus, Four Squerer Gospel e Igreja de Deus) e nos anos 70 os neopentecostais com igrejas como Elim, O Verbo e Fraternidade Cristão. Em 1978, a presença evangélica era estimada em 17,98% e no ano de 2001 ultrapassava os 30%

Actualmente, a Guatemala é o país da América Latina com a maior percentagem de evangélicos. Embora os números variem, estima-se que cerca de 40% de uma população de quase 13 milhões de pessoas pertença a algumas das várias igrejas protestantes do país. A diferença entre católicos e protestantes diminuiu 22% em 18 anos, de 1996 a 2013, de acordo com o estudo "As religiões em tempos do Papa Francisco", da Corporação Latinobarómetro no Chile. Segundo a análise, em 1996 54% dos guatemaltecos professava a religião católica em comparação com 25% de evangélicos. Mas em 2013, a estimativa para os primeiros era de 47%, só 7% mais do que os 40% que disseram professar o protestantismo.

Um exemplo do sucesso dos evangélicos para ganhar um espaço cada vez maior na sociedade guatemalteca é o da Fraternidade Cristã, que possui o maior edifício religioso da Guatemala e da América Central, um gigantesco auditório com capacidade para 12.200 pessoas. Trata-se, na realidade, de um complexo de instalações, entre elas um colégio, creches e

“El Salvador
apresentou também
um crescimento das
igrejas evangélicas
muito significativo”

vários níveis de estacionamentos, conhecidos como megatemplos, onde desenvolvem trabalho pastores como Cash Luna, da igreja Casa de Deus. É este o caminho por onde transitam estas igrejas, tendo a do próprio Cash Luna uma rede de 25 emissoras de rádio em todo o país.

Além disso, a visibilidade política dos evangélicos foi muito elevada na Guatemala, pois pelo menos em duas ocasiões um evangélico conquistou a presidência: em 1982, após o golpe de Estado que levou à chefia do Estado Efraín Ríos Montt, e em 1991, quando Jorge Serrano Elías ganhou as eleições. Mais recentemente, um antigo pastor evangélico, Harold Caballeros foi

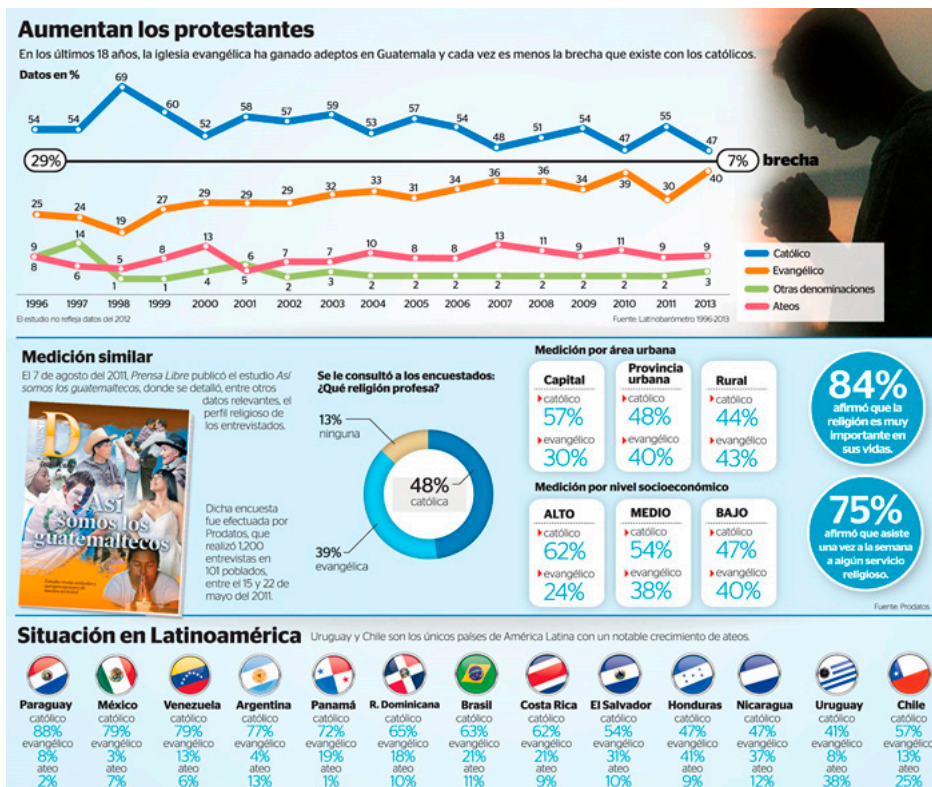
candidato à Presidência do país nas eleições de 2011.

7. A SITUAÇÃO NAS HONDURAS, NICARÁGUA E EL SALVADOR

Juntamente com a Guatemala, o caso mais significativo de crescimento das igrejas evangélicas na América Central é o das Honduras, El Salvador e Nicarágua. Concretamente, o caso hondurenho é muito relevante, pois o país encontra-se imerso numa profunda crise política e social desde 2009 devido aos altos níveis de pobreza, desigualdade e insegurança entre os cidadãos. Toda essa conjuntura foi acompanhada, de forma paralela, com o aumento das igrejas evangélicas, sobretudo neopentecostais.

Nesses últimos 17 anos, o catolicismo nas Honduras reduziu em 29%, segundo um estudo do Latinobarómetro realizado entre 1995 e 2014 e intitulado "As religiões em tempos do Papa Francisco". Um fenómeno que se repete em outros países, mas não com a mesma força que nas Honduras: na Nicarágua (-30% de católicos), Costa Rica (-19%) e em menor medida no Panamá (-17%), El Salvador (-13%) e Guatemala (-7%). O estudo assinala as Honduras como "o caso mais emblemático de mudança nas crenças religiosas nos últimos 17 anos", ao perder o catolicismo "58 pontos percentuais de vantagem perante os evangélicos e um total de 29 pontos percentuais de católicos". Em 1996, as Honduras tinham 76%

QUADRO 4



Fonte: "Prensa Libre"

“O crescimento das igrejas evangélicas na América Central deve-se a múltiplas causas”

de católicos e 12% de evangélicos. Em 2013, havia 47% de católicos e 41% de evangélicos. O catolicismo nas Honduras não só deixou de ser dominante, mas agora tem o mesmo peso que as crenças evangélicas. Esta é a mudança mais rápida e forte no terreno religioso dos 18 países latino-americanos desde 1996.

El Salvador apresentou também um crescimento das igrejas evangélicas muito significativo. Tinha, em 1996, 67% de católicos que diminuiu para 54% em 2013, com uma perda de 13 pontos percentuais. Os evangélicos, que eram 15% em 1996, duplicaram em 2013, alcançando 31%. Na Nicarágua, cuja população é de 5,8 milhões de pessoas, estudos publicados pela M&R Consultores confirmam que existe uma tendência decrescente de quem se declara católico, embora esta denominação continue a ser predominante. Os católicos, como grupo, exibem uma linha descendente desde 1991, última vez em que a Igreja Católica alcançou 90%. Depois, o Censo de 1995 revelou que os católicos representavam 72,9% da população nicaraguense e mais tarde o Censo realizado em 2005 mostrou que os católicos rondavam 58,5%. Estudos posteriores da M&R confirmaram a queda do catolicismo na Nicarágua: em Abril de 2013, 53,4% declaravam-se católicos em comparação com 30% de evangélicos e 14,1% de pessoas que se consideram crentes, mas não seguiam nenhuma religião.

Em resumo, o crescimento das igrejas evangélicas na América

Central deve-se a múltiplas causas: os conflitos internos –guerras civis– vividas na Guatemala, El Salvador e Nicarágua nos anos 70 e 80 e que desestabilizaram estes países; as divisões e confrontos no seio da Igreja Católica que lhe impediram de responder de forma ágil à mudança social (migração campo-cidade) quando, paralelamente, as igrejas evangélicas foram mais flexíveis para atender e chegar aos novos grupos sociais que foram surgindo. A isto é preciso somar fenômenos cataclísmicos que causaram centenas de milhares de mortos e desalojados, e perante os quais nem os Estados nem as Igrejas souberam responder adequadamente, tendo este vazio sido preenchido pelas igrejas evangélicas (terremoto da Guatemala em 1976, furacão Mitch em 1998 nas Honduras).

8. RESTO DA AMÉRICA CENTRAL E AS CARAÍBAS

No resto da América Central a incidência das igrejas evangélicas não é tão grande como no Triângulo Norte e na Nicarágua, mas mesmo assim estão claramente em progressão. Os números assinalam que na Costa Rica chegam a 20,8%, no Panamá a 16,4% e na República Dominicana a 22,3%.

Na República Dominicana, as igrejas evangélicas também tiveram um grande aumento e agora estima-se que reúnam cerca de um quarto da população. Cresceram em torno da Congregação Cristã na cidade de Santiago, do pastor Yasser Rivas; da Igreja Baptista

“A mudança religiosa foi diferente e como assinala Alberto Hernández, “diferentes causas provocam o mesmo efeito e as mesmas causas produzem efeitos diferentes”

Internacional, de Miguel Núñez; e da Catedral da Fé, de Fernando Belliard. Para além destas, também a Igreja Mahanaim, do pastor Ezequiel Molina Rosario; Ministérios Elim, de Fernando Ortiz; e a Igreja Cristã Palavras de Vida, de Raffy Paz, estas últimas todas localizadas na capital.

No Panamá, a segunda religião com mais fiéis é a evangélica, com 16,4% da população. Segundo a estimativa da Controladoria General da República, deve haver mais de três milhões de pessoas a viver no Panamá. Isto quer dizer que 2,7 milhões são católicos e 613 mil são evangélicos. A Costa Rica também passou por uma mutação no âmbito religioso. Em 1996, este país tinha 81% de católicos e 9% de evangélicos. Em 2013, contava com 62% de católicos e 21% de evangélicos. Os evangélicos mais do que duplicaram, enquanto os católicos diminuíram 21 pontos percentuais.

9. AS PECULIARIDADES DO CASO MEXICANO

No México, ao contrário do Brasil, as diferentes igrejas evangélicas não estão tão espalhadas a nível nacional, embora em determinados estados o seu peso seja muito grande. Em 20 anos, a população evangélica mexicana aumentou, enquanto a religião católica mostra uma queda de 4,40% em comparação com 1980. Um estudo elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística Geografia e Informática (Inegi), em 1970, mostrava que 96,2% professava a religião católica, mas no ano 2000, essa percentagem caiu

para 87,8% do total. Em 2012, no México, as pessoas que se definiam como católicos foram 83,9% da população, enquanto os evangélicos e protestantes chegaram a 7,6% da população, quase dois pontos e meio mais do que em 2000. Só entre 2000 e 2010 somaram-se mais de 3 milhões de pessoas, ultrapassando os 8 milhões de fiéis.

Os protestantes espalharam-se pela maior parte do país, mas onde tiveram mais sucesso foi nas duas extremidades do território nacional: a fronteira norte (zona de intensa migração e urbanização nas últimas décadas), e a sudeste, espaço onde vive a maior quantidade de população indígena e que sofreu um processo de deterioração e empobrecimento. As igrejas evangélicas têm presença em todo o país, mas uma maior penetração nos estados do sudeste - Oaxaca, Chiapas, Campeche, Tabasco e Quintana Roo - e do norte - Baja Califórnia, Tamaulipas e Chihuahua. A média nacional tem extremos muito díspares. No centro e em El Bajío de México, o catolicismo reúne percentagens superiores, ou próximas, de 90%. Enquanto em Guanajuato praticamente 94% dos recenseados é católico, em Chiapas somente 58% o é.

As igrejas evangélicas no México desenvolveram-se nessas duas regiões muito diferentes, já que, enquanto a fronteira norte é um território urbano (a maioria da sua população vive em grandes aglomerações humanas) e desenvolvido (baixas taxas de desemprego e altos indicadores de bem-estar), o sudeste representa o contrário:

“No Equador, a maioria dos equatorianos dizem ser católicos, segundo revela um estudo divulgado recentemente pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censo (INEC)”

trata-se de um território rural pobremente desenvolvido. A mudança religiosa foi diferente e como assinala Alberto Hernández, "diferentes causas provocam o mesmo efeito (o norte é urbano e o sul é rural, mas ambas regiões têm um elevado número de protestantes) e as mesmas causas produzem efeitos diferentes (o crescimento dos protestantes origina intolerância, mas só no sudeste, não na fronteira norte). O que na fronteira norte favorece a mudança, no sudeste é irrelevante, e vice-versa. Mas a fronteira norte e o sudeste não são casos totalmente antitéticos; partilham algumas similitudes. Ambas as regiões coincidem em poucos mas importantes pontos, entre eles a importância relativa do fenómeno migratório e o seu distanciamento do centro de poder económico nacional; isto é, ambas as regiões partilham uma condição de periferia."

O perfil do evangélico mexicano é o de uma mulher que vive na cidade, embora, ao contrário do que se costuma crer, o grande crescimento evangélico dá-se nas áreas rurais que se transformaram no melhor "mercado" para as Igrejas protestantes e evangélicas. Isto não quer dizer que o espaço urbano tenha deixado de ser um lugar propício para a mudança religiosa. A maioria dos protestantes mexicanos são pentecostais.

10. O PENTECOSTALISMO NOS ANDES

Fora das regiões citadas (Brasil, Guatemala, Honduras, Nicarágua e México) a presença das igrejas

evangélicas é menor no resto da América Latina. Os seus números ainda são modestos em comparação com a América Central e o caso brasileiro (não superam 20% da população), mas o seu crescimento foi rápido e muito significativo também na região andina (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia).

O centro de investigação Pew Research, dos Estados Unidos, mostra na sua página de Internet que a Venezuela tem 25.890.000 de cristãos, dos quais 22.500.000 são católicos. Mas também há no país mais de 5 milhões de evangélicos. Na Colômbia, o crescimento acelerou nos últimos anos, após décadas de estagnação ou de crescimento lento: com cerca de 43 milhões de habitantes, os evangélicos já ultrapassaram os cinco milhões e os católicos caíram para 82% da população. Peru e Equador são os países onde as igrejas evangélicas menos cresceram. A população total do Peru chega a 28.220.764 de habitantes e segundo os resultados do Censo de 2007, 16.960.443 de pessoas professam a religião católica, 81,3% da população. Segue-lhe em importância a população evangélica que supera os dois milhões e meio (12,5%).

No Equador, a maioria dos equatorianos dizem ser católicos, segundo revela um estudo divulgado recentemente pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censo (INEC). Exactamente 91,9% da população afirma ter uma religião, dos quais 80,4% pertencem à religião católica, seguido pela evangélica que teria alcançado

“Desde os anos 60 os investigadores sociais foram lançando uma série de ideias novas para entender o auge evangélico procurando a explicação em causas endógenas em vez de exógenas”

13% da população (mais de 1,8 milhão de pessoas). O seu crescimento aconteceu nas grandes cidades do país, especialmente Quito e Guayaquil, assim como nas áreas indígenas (Chimborazo). As igrejas evangélicas indígenas cresceram de tal forma e despertaram a consciência política que, em 1980, foi fundada a Federação Equatoriana de Indígenas Evangélicos (FEINE), conhecida como o Conselho de Povos e Organizações Indígenas Evangélicos do Equador.

11. CAUSAS DO CRESCIMENTO DO MOVIMENTO EVANGÉLICO

A pergunta que deve ser feita após se ter visto o panorama das igrejas evangélicas na América Latina é analisar quais foram as razões pelas quais os pentecostais apresentaram esse espectacular crescimento.

As primeiras teorias que surgiram consideravam que no crescimento evangélico predominavam as causas exógenas, de cunho político, vinculadas ao esforço "contrainsurgente" dos Estados Unidos em relação à região latino-americana e, em particular, à América Central. Citava-se o Relatório Rockefeller de 1969 e os Documentos Santa Fé I e II nos anos 80, nos quais se recomendava abertamente o uso destes grupos religiosos fundamentalistas como parte de uma estratégia contrainsurgente dos EUA e da CIA, orientada para deter o auge da Teologia da Libertação. Exemplo de como estas teses se difundiram é um texto do

analista Franco Martínez Mont no diário "Prensa Libre" da Guatemala, em 2011, que assinalou que "as igrejas neopentecostais surgem no final da década de 1950 como uma ferramenta controladora do governo dos Estados Unidos —pólos contrainsurgentes na América Latina— com a benevolência das oligarquias e das facções fascistoídes, tendo modificado o mapa religioso, alterado o status quo da Igreja Católica, "cristianizado" os segmentos subalternos e incidido na política".

No entanto, desde os anos 60 os investigadores sociais foram lançando uma série de ideias novas para entender o auge evangélico procurando a explicação em causas endógenas em vez de exógenas. E entre elas sobressaem as seguintes:

- **O enfraquecimento e as divisões internas na Igreja Católica:** Entre os factores internos cabe assinalar a existência, a partir dos anos 60, de uma Igreja Católica politizada, dividida, fragmentada, segmentada e descoordenada que, claramente, perdeu autoridade moral entre a população e capacidade de chegar a todos os cantos de cada um dos países latino-americanos. Uma Igreja Católica que se imiscuiu em temas políticos e recebeu influências do marxismo, como demonstra o crescimento dentro da sua estrutura da Teoria da Libertação.
- **Maior flexibilidade e capacidade de adaptação do movimento evangélico:** As

“Como todas as vertentes protestantes, o pentecostalismo é dinâmico, ou seja, tem uma grande capacidade para mudar e se adaptar”

igrejas evangélicas mostraram uma maior capacidade de adaptação e inovação com o desenvolvimento dos seus sermões e técnicas inovadoras de proselitismo (na rádio e na televisão), utilização de um marketing muito inovador apoiado na adesão ao movimento de personalidades conhecidas (cantores, atores e sobretudo desportistas) e uma melhor ligação com os sectores populares (sublinhando os elementos relacionados com a oralidade, a música e as línguas autóctones).

A professora de Antropologia da Universidade de Sevilha, Manuela Cantón Delgado, afirma que "o catolicismo está há muito tempo em retrocesso perante as igrejas evangélicas, muito mais flexíveis". Igrejas que, nas palavras desta especialista, ao ser mais participativas e contar com centros de culto menores, provocam um maior conhecimento e apoio mútuo entre os seus fiéis. Pelo contrário, a Igreja Católica mantém uma "organização muito vertical". Nessa mesma linha, Monseñor Gregorio Rosa Chávez, arcebispo de San Salvador, assinala que "na Igreja Católica há menos calor humano. As pessoas não conhecem quem está sentado ao seu lado. Os evangélicos estão a preencher um vazio que nós deixamos. É um verdadeiro desafio pastoral, e a renovação da Igreja Católica responde a esta necessidade de mudança".

Como todas as vertentes protestantes, o pentecostalismo é dinâmico, ou seja, tem uma grande capacidade para mudar e se adaptar, o que explicaria as particularidades e a virtualidade do pentecostalismo latino-americano. No entanto, segundo David Martin, o pentecostalismo é mais flexível do que as demais formas protestantes, e por isso pode adaptar-se mais facilmente às culturas locais e indígenas. Esta possibilidade, apesar de permitir que se reproduzam algumas das estruturas de autoridade e organização social fundadas no sistema da fazenda, permite também a participação dos laicos na liderança. Além disso, as igrejas evangélicas tiveram a capacidade de acolher novos nichos de população, minorias étnicas (indígenas) e mulheres, às quais não só outorga um maior papel dentro da liturgia, mas obtém também o seu apoio para o equilíbrio familiar ao reforçar os valores patriarcais, e impulsionando a participação feminina na esfera pública.

- **Mudanças socioeconómicas favorecem o crescimento evangélico:** O movimento evangélico foi favorecido pelas grandes mudanças e transformações que a América Latina sofreu após a Segunda Guerra Mundial: A migração rural-urbana, que aconteceu desde os anos 50, e que foi aumentando nos anos 60, 70 e 80, a qual ainda perdura.

“A religião católica continua sendo a majoritária inclusive onde os evangélicos se aproximam de 50% da população”

O desapego em plena transição da sociedade rumo a uma nova situação predominante urbana, continua a ser uma das explicações que foram dadas para o auge neopentecostal: "Quando iam para cidades estranhas, as igrejas irmãs davam-lhes um parentesco fictício e serviam como uma agência de referência. Ajudados por um estrito código moral e por ferventes exortações, muitos membros pobres e os seus filhos conseguiram ascender na estrutura social", aponta Stoll.

Outro dos grandes teóricos e especialistas no crescimento neopentecostal, Lalive D'Epina, explica que "a urbanização aconteceu num contexto de pobreza e miséria estruturais, onde a precariedade é acompanhada pela desestruturação dos sistemas familiares e dos sistemas de valores, desestruturação que adquire um carácter traumático para estas povoações. Neste contexto social, os grupos pentecostais constituem-se em espaços para a criação de redes de solidariedade e para a restauração dos vínculos comunitários, numa dinâmica na qual o pentecostalismo permite a continuidade entre as estruturas sociais rurais e as formas de organização social dos sectores urbanos excluídos. Transforma-se, assim, numa alternativa social para enfrentar a anomia ou, nos termos do nosso autor, em refúgio das massas".

12. CONCLUSÕES

Uma vez analisado o fenómeno evangélico na América Latina, em geral, e o pentecostal e neopentecostal, em particular, pode chegar-se às seguintes conclusões:

- **A América Latina deixou de ser católica de forma hegemónica:** Por outras palavras, a herança colonial de uma América Latina homogénea no sentido religioso desintegrou-se, de forma definitiva, há meio século com o rápido crescimento dos diferentes ramos das igrejas evangélicas, as quais representam na maioria dos países entre um terço e um quarto da população.
- **O catolicismo continua a ser maioritário:** Sem negar esse crescimento, no entanto, a religião católica continua a ser maioritária, inclusive onde os evangélicos se aproximam de 50% da população (casos das Honduras e Guatemala). Como assinala o relatório Latinobarómetro, em 12 dos 18 países da região mais de 60% da sua população declara-se como católica. Em nove países há mais de 70% de católicos, noutros três mais de 60%, e em dois mais de 50% de católicos.
- **As causas da mudança foram endógenas:** Por trás do crescimento das igrejas evangélicas não houve uma conspiração patrocinada pelos EUA durante a "Guerra Fria", mas o seu enorme crescimento respon-

“Os traumas políticos, económicos ou os grandes desastres naturais unidos a uma conjuntura de mudança e transformação socioeconómica explicam o auge evangélico desde os anos 50”

de a causas internas e a condições próprias de cada país latino-americano, mais do que a fenómenos homogéneos que afectaram da mesma forma todas as nações do continente. O aumento dos evangélicos responde a uma grande diversidade de motivos, muito difíceis de generalizar.

- **Já não cresce só nas zonas urbanas:** Nesta segunda década do século XXI, o crescimento mais rápido do protestantismo latino-americano está a verificar-se nas áreas rurais e zonas com uma elevada proporção de população indígena. Apesar de ser certo que essas áreas rurais registam o maior avanço protestante, os evangélicos das cidades também continuam a aumentar. Portanto, o crescimento dos protestantes envolve, na actual conjuntura, tanto a cultura urbana como a rural.
- **O futuro do evangelismo:** “Ao olhar tanto para as conversões como também para as deserções, é possível perguntar se os evangélicos estão destinados a manter-se como uma pequena, mas vibrante minoria, ou se são capazes de adoptar quantidades suficientes de latino-americanos para transformar toda uma sociedade latino-americana”. Esta pergunta sobre a futura progressão das igrejas evangélicas do sacerdote Edward Louis Cleary (1929-2011) continua plenamente vigente.

Tudo indica que os evangélicos crescerão, como o fizeram historicamente, onde haja crise sociais e económicas (rápida migração campo-cidade, urbanização acelerada, aumento da insegurança dos cidadãos, emprego precário, crise de valores e falta de oportunidades). No entanto, à medida que as classes médias urbanas crescem e aumenta o número daqueles que têm acesso a estudos universitários superiores, as sociedades latino-americanas vão-se secularizando ou, pelo menos, as igrejas neopentecostais vão perdendo a capacidade de mobilização, sobretudo as de maior carácter fundamentalista e/ou populista. Uma situação que pode favorecer o crescimento das igrejas pentecostais com perfis menos radicais.

Os traumas políticos (guerras dos anos 70), económicos (crise dos anos 80) ou os grandes desastres naturais unidos a uma conjuntura de mudança e transformação socioeconómica explicam o auge evangélico desde os anos 50. Mas esta mudança, realmente revolucionária de urbanização acelerada, já aconteceu e agora assistimos a um período de consolidação, onde as novas gerações já são plenamente urbanas —nasceram nas grandes cidades— e não são produto da emigração e do desarraigo, embora este fenómeno, especialmente, continue a estar presente devido à falta de expectativas trabalhistas e a um sistema educacional que fomente a igualdade de oportunidades.

Nos próximos anos, tudo indica que assistiremos a um cresci-

“As igrejas evangélica, com a sua enorme capacidade de adaptação e a sua flexibilidade, vão continuar muito presentes”

mento mais pausado das igrejas evangélicas, que mostraram ter grande capacidade de adaptação, mas também podem encontrar duras resistências: em zonas com uma história ou raízes especialmente fortes do catolicismo (a região de Jalisco no México) ou uma tradição laica e urbana muito marcada, como no caso da Argentina e sobretudo Uruguai. Não é previsível um abandono em massa de fiéis que deixem as igrejas evangélicas para retornar ao seio do catolicismo ou emigrar para novas confissões (embora ambos os processos, em pequena medida, possam acontecer). Mas também não, em linhas gerais, é de se esperar uma continuidade do crescimento exponencial evangélico como o que aconteceu até agora.

Nos próximos anos, é muito possível que assistamos a três grandes dinâmicas que vão acontecer de forma paralela:

- Uma reacção da própria Igreja Católica por causa das mudanças e propostas que acontecem pelas mãos do novo Papa Francisco, cuja mensagem procura dar um novo impulso ao catolicismo, especialmente na região da qual é oriundo, a América Latina. Sem dúvida, as mudanças que promove (que,

ao mesmo tempo, vão produzir fortes tensões internas) procuram aproximar a Igreja dos seus fiéis, tentar recuperar terreno perdido na América Latina e torná-la mais ágil e flexível.

- O exemplo argentino e uruguaio, com elevadas taxas de laicismo e secularização dentro de uma sociedade de classes médias, educadas e urbanas, vai espalhar-se pela região como uma tendência cada vez com maior força, embora não nos níveis europeus, pois o peso da tradição e das crenças é muito forte na América Latina e abrange todas as classes sociais e diferentes camadas educativas.
- As igrejas evangélica, com a sua enorme capacidade de adaptação e a sua flexibilidade, vão continuar muito presentes na região assumindo novos desafios e papéis segundo as solicitações da sociedade e dos novos tempos. Talvez o crescimento deixe de ser exponencial e tenha antes origem no compasso das mudanças sociais, o que, numa sociedade mais educada e urbana de classes médias, acontece juntamente com o crescimento de igrejas evangélicas mais moderadas nas suas formas.

LLORENTE & CUENCA

CONSULTORES DE COMUNICAÇÃO

Consultoria de Comunicação líder na Espanha, Portugal e na América Latina

A LLORENTE & CUENCA é a primeira consultoria de Comunicação da Espanha, Portugal e América Latina. Conta com 17 sócios e 330 profissionais que prestam serviços de consultoria estratégica a empresas de todos os setores de atividades, com operações voltadas para o mundo que fala espanhol e português.

Atualmente, possui escritórios próprios na Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, China, Equador, Espanha, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana. Além disso, através de empresas afiliadas, oferece seus serviços nos Estados Unidos, Bolívia, Uruguai e Venezuela.

Seu desenvolvimento internacional levou a LLORENTE & CUENCA a ocupar, em 2014, a posição 55.ª do Ranking Global das empresas de comunicação mais importantes do mundo, produzido anualmente pela publicação The Holmes Report.

Organização

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jallorente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Jorge Cachinero
Diretor Corporativo de Inovação
jcachinero@llorenteycuenca.com

ESPAÑA Y PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e Diretor Geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Diretor Geral
acorujo@llorenteycuenca.com

Madrid

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente de Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e Diretor Sênior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Juan Castillero
Diretor Financeiro
jcastillero@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 – planta 3
28001 Madrid (Espanha)
Tel: +34 91 563 77 22

Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora-Geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona (Espanha)
Tel: +34 93 217 22 17

Lisboa

Madalena Martins
Sócia
madalena.martins@imago.pt

Carlos Matos
Sócio
carlos.matos@imago.pt

Rua do Fetal, 18
2714-504 S. Pedro de Sintra (Portugal)
Tel: +351 21 923 97 00

AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO da América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO da América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonio Lois
Diretor Regional de Recursos Humanos
alois@llorenteycuenca.com

Bogotá

María Esteve
Diretora Geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Germán Jaramillo
Presidente Conselheiro
gjaramillo@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501
Bogotá (Colômbia)
Tel: +57 1 7438000

Buenos Aires

Pablo Abiad
Sócio e Diretor Geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Enrique Morad
Presidente Conselheiro para o Cone Sul
emorad@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Ciudad de Buenos Aires (Argentina)
Tel: +54 11 5556 0700

Lima

Luisa García
Sócia e CEO da região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Cayetana Aljovín
Gerente Geral
caljovin@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro - Lima (Peru)
Tel: +51 1 2229491

México

Juan Rivera
Sócio e Diretor Geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Bosque de Radiatas # 22 – PH7
05120 Bosques de las Lomas (México)
Tel: +52 55 52571084

Panamá

Javier Rosado
Sócio e Diretor Geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Avda. Samuel Lewis. Edificio Omega, piso 6
Tel: +507 206 5200

Quito

Catherine Buelvas
Diretora Geral
cbuelvas@llorenteycuenca.com

Av. 12 de Octubre 1830 y Cordero.
Edificio World Trade Center, Torre B, piso 11
Distrito Metropolitano de Quito (Equador)
Tel: +593 2 2565820

Río de Janeiro

Yeray Carretero
Diretor
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 – sala 1801
Rio de Janeiro – RJ (Brasil)
Tel: +55 21 3797 6400

São Paulo

José Antonio Llorente
Socio Fundador y Presidente

Juan Carlos Gozzer
Diretor Geral
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, CJ 111,
Cerqueira César
CEP 01426-001 São Paulo SP (Brasil)
Tel: +55 11 3082 3390

Santiago de Chile


Claudio Ramírez
Sócio e Gerente Geral
cramirez@llorenteycuenca.com


Avda. Vitacura 2939 Piso 10. Las Condes
Santiago de Chile (Chile)
Tel.: +56 2 24315441

Santo Domingo


Alejandra Pellerano
Diretora Geral
apellerano@llorenteycuenca.com

Avda. Abraham Lincoln
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel: +1 8096161975

 Site corporativa
www.llorenteycuenca.com

 Blog corporativo
www.elblogdelllorenteycuenca.com

 Twitter
<http://twitter.com/llorenteycuenca>


 Centro de Ideias
www.dmasilllorenteycuenca.com

 Revista UNO
www.revista-uno.com.br

 YouTube
www.youtube.com/LLORENTEYCUENCA

 LinkedIn
www.linkedin.com/company/llorente-y-cuenca

 Facebook
www.facebook.com/llorenteycuenca

 Slideshare
www.slideshare.net/LLORENTEYCUENCA



A d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

A d+i é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

A d+i é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe d+i LLORENTE & CUENCA.

www.dmasillorenteycuenca.com

d+i LLORENTE & CUENCA